

O ensino Politecnico como alternativa ao sistema educacional brasileiro

Raquel Aguiar Estevam do Carmo

Como citar: CARMO, R. A. E. do. O ensino Politecnico como alternativa ao sistema educacional brasileiro. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 255-257.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p255-257>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O ensino politécnico como alternativa ao sistema educacional brasileiro

Rachel Aguiar Estevam do Carmo*

Como materializaremos um ensino voltado para os conteúdos do materialismo histórico dialético? Essa foi uma das preocupações de Antônio Gramsci, grande pensador que produziu largos escritos a cerca do sentido pedagógico e político dos espaços formativos, sobretudo a escola.

Este trabalho pretende fazer a articulação entre o ensino mencionado por Karl Marx, chamado de politécnico, e a escola unitária 'desinteressada' de Antonio Gramsci, afirmando que independente do título teórico dado, às idéias de ambos os autores estão coadunadas a favor da ruptura do Modo de Produção Socialista. Por isso, os conteúdos pedagógicos aprofundados pelo Gramsci potencializam as iminências da reestruturação educacional do ensino brasileiro, principalmente nos cursos profissionalizantes, seja nível médio, seja nível superior. Todavia, as propostas de mudanças revolucionárias não têm haver com as "sugestões" do atual governo em instituir políticas para o ensino profissional e para o superior que, implicitamente, servem para moldar o sistema educacional às necessidades do atual padrão de acumulação flexível.

Trabalhar na organização da literatura pedagógica socialista significa dar continuidade na formação de intelectuais capazes de implantar efetivamente um ensino desinteressado voltado para a formação onilateral do homem. As discussões a respeito desses conteúdos são os primeiros passos na politização crítica dos sujeitos e o nosso trabalho permanente de participação nos movimentos sociais favorece a construção de alternativas educacionais que vai de encontro à lógica da dualidade estrutural.

O trabalho estende-se mais no ensino profissionalizante de nível médio, pois os escritos marxianos e gramscianos aprofundam as suas análises na formação do trabalhador no campo da linha industrial. Detém esse estudo os últimos dispositivos normativos (decretos, leis, pareceres, portarias, etc.) para o referido ensino afirmando a manutenção da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, tão criticado pelos eminentes escritores que consubstanciam essa reflexão.

Campos sociais tais como, a saúde, o meio ambiente, dentre outros, devem ter políticas com vistas socialistas na edificação da totalidade propositiva revolucionária. Sabemos que só no campo da educação o processo de transformação social não será iniciado. Não obstante, o primeiro passo deve ser dado, ou melhor, formado. E a educação pode ser a grande alavanca na concretização dos nossos almejos de cada vez mais melhorara a qualidade de vida da classe trabalhadora ou como dizia Marx, atingir a plena articulação entre o reino da necessidade com o reino da liberdade.

A concepção politécnica é uma preferência semântica da autora, não obstante dialoga-se com o princípio da escola unitária de Gramsci. A proposta politécnica ou ensino desinteressado vem para preservar a tradição socialista no que tange a visão da educação estar ligada às diversas

* Pós-graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense.

manifestações dos potenciais humanos em criar e transformar as bases materiais que constituem o trabalho, seu processo de produção e de acumulação provenientes das forças que atuam na construção do produto final ou mercadoria.

A iniciativa por uma nova concepção de educação parte do pressuposto da iminente e permanente superação da concepção burguesa sobre educação. Até porque, as contradições internas que sustentam o capitalismo favorecem as elaborações de outras práticas históricas diferentes das hegemônicas.

A tentativa de superar a ordem capitalista nos coloca em reflexão da própria existência do homem. Marx já afirmava que o trabalho caracteriza a realidade humana na medida em que produz continuamente sua própria existência. A noção de politecnicidade deriva exatamente dessa dialética do trabalho, este sendo visto como um princípio educativo fundante na ligação indissociável entre trabalho intelectual e trabalho manual.

O Decreto 5.154/04 pelo qual regulamenta a educação profissional representa um retrocesso histórico-político, já que no viés econômico fora necessário para a reestruturação das forças produtivas na manutenção do *status quo*. Esse novo profissional consistiria em realizar de forma polivalente, as qualidades e as competências necessárias para a conquista e a permanência do emprego. As competências assumiram-se como categoria de representação que permitiria adequar os requisitos dos empregos às exigências do capital em termos de profissionalização, sempre com vistas à adaptabilidade do trabalhador. Para isso, o profissional exigido tem que ter uma responsabilidade, comprometida e autônoma, ao lado de posturas flexíveis frente às favoráveis incertezas.

Essa lógica de competências denominada "gestão de competências" intensifica a precarização das relações de trabalho na medida em que abre margem da empresa ou organização adotar de forma flexível a disponibilidade salarial. O processo destinado à individualização preconizado pelo modelo de competências tem como objetivo tornar socialmente aceitável as diferenças salariais, fazendo com que o trabalhador concorde com essas diferenças que são provenientes de ações e esforços individuais.

Essa nova conjuntura (re)modelou a educação profissional, transformando-se numa "aposta incerta", o desenvolvimento de atributos individuais, como precípua condição de se obter um emprego, pois se volta para o aprimoramento de competências individuais, visando possibilitar atualizações e reorientações profissionais como alternativas de permanência ou re-inserção no mercado de trabalho. Pelo visto, o sistema de ensino brasileiro continua a delinear a dualidade estrutural entre o ensino de segundo grau e o ensino profissional.

Essa flexibilização, fruto das mudanças nas 'leis do capital', adequa a Educação Profissional ao atual padrão de acumulação chamado flexível, colocando o trabalhador apto, competente às substanciais e rápidas mudanças do mercado de trabalho. Essa adaptabilidade coloca o trabalhador vulnerável e a mercê de empregos precarizados e possivelmente sem os seus direitos trabalhistas cumpridos.

Por isso, necessidade de modificarmos a *forma*, sem alterar o *conteúdo* é vital para darmos continuidade ao tão sonhado processo revolucionário. Até lá, temos que trabalhar no sentido de aproximarmos a população civil do debate sobre mobilização, organização política, leituras,

pesquisas para que todos produzam conhecimento criando uma efetiva e audaciosa organização popular. Para isso, a *forma* deve ser a mais, digamos, pedagógica possível. Aos poucos, podemos mostrar a partir da realidade objetiva as contradições que fundam a lógica do capital. É possível. Basta ter um movimento que efetive isso.

Esse Seminário Internacional Gramsci é o espaço mister nas edificações, discussões e reuniões dos nossos ideais revolucionários.

Gramsci sempre se preocupou com formação de intelectuais. É nela que subjaz todo o conteúdo e o preparo para a materialização da atividade criativa do homem. Dessa maneira, os espaços onde formam os sujeitos, devem ser, por excelência, os espaços transformadores dos homens. A escola é um desses espaços formativos. Por isso Gramsci dá continuidade ao que Marx começou a elaborar a respeito de um ensino que transforme os estudantes.

A manifestação de todas as potencialidades favorece o engrandecimento do homem tornando homem total, pleno, dominador de si e das etapas dos processos consciente e criativo do trabalho. É nesse sentido que a escola politécnica deve surgir como uma alternativa ao sistema de ensino brasileiro, abrindo margem para a produção de conhecimento pautado na transformação da nossa sociedade. A organização do *como fazer* uma escola nos moldes socialistas ganha respaldo se todos mantiverem a posição de compromisso com a classe trabalhadora. Feito isso, inúmeras reuniões abertas nas escolas e usando-as como espaço de formação de intelectuais ampliaremos o leque de militantes, profissionais, pesquisadores e comunidades ao redor das escolas que apoiem um ensino construído por todos.

Portanto, a necessidade de aprofundarmos conteúdos e estudarmos os dispositivos normativos no campo educacional¹ dar-nos-á a plena satisfação do trabalho materializado, analisando suas contradições e avançando em nossos ideais revolucionários. Depende da mobilização dos defensores da ruptura do capital o aprofundamento teórico no que tange a constituição qualitativa dos movimentos sociais e as materializações da pautas socialistas nos espaços formativos educacionais brasileiros.

Vejo a relação entre o tema exposto e o GP Cultura e Política do mundo do trabalho, pois o ensino profissional para muitos brasileiros é a única fonte de qualificação para o trabalho. Pelo fato de existir a dicotomia entre capital/trabalho, os espaços formativos não potencializam o ensino voltado para a formação onilateral. A nossa discussão deve trilhar pelo crescimento total dos sujeitos. Com isso, estaremos com outras posturas a favor da sociedade de novo tipo.

¹ Não só nesse campo. Apenas detenho a minha análise nele.